

PALAVRAS E CONVIVÊNCIA - IDOSOS, HOJE

ALDA BRITTO DA MOTTA

Pensando sobre a população de mais idade, no Brasil, detenho-me em duas questões ainda sem resposta. Uma, conceitual; a outra, quanto a objetivos. São **velhos, idosos, ou terceira idade?** Que buscam e que encontram nos grupos 'de convivência' e nos programas culturais e de lazer 'para a terceira idade'?

Para começar, temos um objeto de estudo e não contamos com uma designação satisfatória para ele. Neste caso dos idosos, o problema conceitual tem a ver com a imagem social que se tem deles. Isto é, antes de uma dificuldade de construção de categorias, tem-se um problema - e uma explicação - com as representações sociais do objeto de reflexão.

Partindo-se da análise das relações que se estabelecem entre os grupos de idade e as gerações, chega-se à noção mais antiga e costumeira para designar-se os de mais idade: a de velho. Esta vem sendo principalmente vinculada a duas outras: decadência e inatividade.

"No capitalismo, as diferentes etapas etárias da história do indivíduo passaram a adquirir valores diversos, de acordo com as suas possibilidades para a produção e para a reprodução de riquezas." "Sobre a velhice foram investidos valores negativos, considerando-se como critério social o seu potencial funcional" nesses campos¹.

Além disso, o natural processo de envelhecimento e fragilização do corpo - fragilização que não é só para o trabalho -, a que se contrapõe um modelo social desenvolvido de beleza jovem, propiciou uma construção cultural que resultou numa estética da recusa e do medo. "E todos exorcizam o fantasma de seu futuro afastando-se dele ou até ensaiando destruí-lo"².

Essas imagens que sustentam o preconceito encontram-se em transforma-

¹ BIRMAN, Joel. Futuro de Todos Nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. In VERAS, Renato (org.) .*Terceira Idade*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, UnATI/UERJ, 1995, p. 33-34.

² BRITTO DA MOTTA, Alda. Chegando pra Idade. XIX Reunião da ABA, Niterói, 1994 In *Alteridades*, n° 2, Mestrado em Sociologia, UFBA, abril/setembro 1995.

ção, mas não de todo, nem em todas as instâncias. No cotidiano ainda persiste uma forte carga de *ageism*, principalmente quando a referência se faz a **velhos**.

Que é um velho? Eles próprios respondem.

Senhoras do Grupo de Idosos em uma associação de moradores, em Salvador, descrevem inclusive gestualmente: "Velho é uma pessoa que anda assim..." (curva o corpo). "Eu sou uma mulher de idade" (apruma-se). (M. P., 61 anos)

Ou dão pistas sobre significados e representações, sempre se autoafirmando como diferentes daquilo que definem: "Velho é um pano que se acaba, é um papel... Nós não somos velhos, somos idosos". (F., 69)

Ou negam a própria existência da velhice: "Acho que não tem ninguém velho. Velho é só o que se joga no lixo". (M. E., 64) "Não existe velhice. Velho é uma coisa que lasca, tá velho". (Sra. E., 78) Frase muito repetida: "Velho não existe. Velho é o mundo!"

Evidencia-se porque ser chamado de velho(a) incomoda. Como expressei em trabalho anterior³:

"Há, antes de tudo, um problema com o uso cotidiano da palavra velho. Na sua aplicação generalizada e indiferenciada a pessoas e a objetos, os significados de gasto e descartável predominam. Ao reino animal e, principalmente, aos humanos, acrescentam-se as remissões diretas ao desgaste da saúde e da energia, e ao descarte final da morte.

Na atualidade, a lógica produtivista acentua isso. Intensificam-se os estímulos à aposentadoria precoce nos setores mais definitivamente capitalistas da produção, do mesmo modo como se fecha o mercado ao ingresso ou regresso de trabalhadores 'tardios'⁴."

Produziu-se uma imagem social do envelhecimento e da velhice tão desfavorável, que os idosos saudáveis e lúcidos - que não parecem constituir minoria! - não se reconhecem nela. Por isso, a conhecida contradição - na verdade, aparente contradição - expressa no fato de que freqüentemente as pessoas declaram uma idade mais avançada, mas não se admitem velhos (como nos exemplos acima), ou reconhecem velhice apenas nos outros⁵. Claro, quem iria se reconhecer nos estereótipos negativos que circulam por toda parte?! Fica lógica a ambivalência: velhice existe, mas não em nós.

A dificuldade com a palavra, de sentido homogeneizador de desvalores, é maior porque vai encarnar-se exatamente num ser liminar por excelência, como o velho: entre a vida e a morte, entre a experiência e a "inutilidade", entre o biológico/natural de mudanças corporais muito visíveis e o social exigente e injusto. Da liminaridade e ambigüidade à exclusão vai apenas um passo. Que insere uma negatividade enorme na palavra e na condição que ela representa.

³ BRITTO DA MÓTTA, Alda. Recontando o Tempo de Madureza. VII Encontro de Ciências Sociais do Norte-Nordeste, João Pessoa, maio, 1995a. In CURY, Mauro (org). *Cultura e Subjetividade*. João Pessoa: Gráfica Universitária, 1996.

⁴ Ibidem, p. 8.

⁵ DEBERT, Guíta Grin. Envelhecimento e Representações sobre a Velhice. In *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, v. 8, n.º 44, 1988.

O dicionário⁶ registra essa homogeneização de sujeitos e de sentidos que facilita o desenvolvimento do preconceito: "1. Adj. Muito idoso. 2. De época remota, antigo. 3. Que tem muito tempo de existência. 4. Gasto pelo uso: 'camisa velha'. 6. Desusado, antiquado, obsoleto. 8. Homem idoso. 9. Bras., Fam., Pai."

Na pesquisa, os que estão nessa faixa de idade confundiam (ou revoltam-se): "É palavra pesada", "que entristece", "É o fim... o decrépito".

Tentam outras definições, mas sempre se eximindo da pecha: "A velhice está na falta de disposição para trabalhar. (...) Estou com a idade avançada, mas isso não quer dizer que estou velha". (Sra. N., 66)

Definições em relação à capacidade (e possibilidade) ou não de trabalhar, como esta, revelam-se, compreensivelmente, no centro das preocupações dos idosos das classes populares.

Uma senhora de classe média (segmentos de classe e de gênero onde estão os que vêm com mais 'filosofia' ou 'humor' a velhice)⁷ ainda "chegando pra idade", produz uma narrativa que sintetiza a visão (e vivencial!) contraditória sobre a velhice que ainda persiste: "Ser velho eu considero assim: a pessoa humana é... maravilhosa, tem tudo para ser feliz; o jovem é o que aproveita isso. Ser velho é como um piano - é lindo, mas ninguém sabe aonde botar. Um entulho, é como ele se sente. É questão de sentimento, não é uma questão de idade". (V., 52)

Definição que ilustra a análise de Birman sobre "o lugar impossível que a modernidade ocidental construiu para a velhice", onde "não tendo mais a possibilidade de produção de riqueza, a velhice perderia também o seu valor simbólico"⁸.

Alguns idosos, de diferentes classes sociais, sentem-se mais plenos, e tentam reabilitar a imagem e a idéia de velho definindo-o como "é ter conhecimento ou experiência", ou "é um privilégio", "estar vivo, com saúde e atividade". Muitos, entretanto, definem velhice como o momento quando vão apontando dores e impossibilidades de se continuar fazendo as coisas que se fazia antes, mas quase sempre como etapa posterior à que vivem agora⁹.

O que pode indicar o caminho conceitual (além de existencial), para se chegar a designações mais eufemísticas, como **terceira idade**. Este termo, em moda para designar a velhice, ou uma parte 'melhor' dela, é, também, o mais recente. Criado em fins da década de 60, na França, em um momento de desvinculação do velho trabalhador proletário da imagem de doente/inválido, e a incorporação mais intensa das camadas médias ao assalariamento, com novas práticas quanto à aposentadoria¹⁰, veio a corresponder plenamente a um personagem social de hoje - do idoso 'jovem'. Como acentuei em trabalho recente, foi, evidentemente, propi-

⁶ BUARQUE DE HOLANDA, Aurélio. *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

⁷ BRITTO DA MOTTA, Alda. *Terceira Idade - Gênero, Classe Social e Moda Teórica*, XX Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, MG, outubro, 1996.

⁸ BIRMAN, Joel. Op. cit., p. 33 e 48.

⁹ *Ibidem*, p. 13-14.

¹⁰ LENOIR, Remi. *L'Invention du Troisième Age (Constitution du Champ des Agents de Gestion de la Vieillesse)*. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 26/27, mar/abr, 1979. GUILLEMARD, Anne Marie. *Le Declin du Social: formation et crise des politiques de gestion de la vieillesse*. Paris: PUF, 1986.

ciada também pelo atual aumento da longevidade, "que leva também ao reconhecimento de que estão aí, agora, duas classes de idosos, os 'mais jovens' e os 'muito velhos', e é preciso diferenciá-los - principalmente para o mercado. Terceira idade identifica novos modos de vida de uma geração de mais idade, porém ativa, informal, livre e 'leve'. Institui, enfim, um eufemismo, para não se falar da velhice e seus signos"¹¹.

Instaura-se uma ideologia da terceira idade, que se difunde rapidamente pelo cotidiano e instiga novos padrões de consumo e necessidades, ao mesmo tempo que incorpora a seus sentidos esta resposta de mão dupla da população de mais idade: atende-se às novas demandas criadas pelo mercado, mas também constrói-se "uma nova imagem que simboliza a liberdade e o lazer, ou mesmo o ser jovem em toda idade"¹². Corresponde a um certo início de desvinculação, em relação a esse segmento populacional, dos atributos negativos que tradicionalmente eram atribuídos à velhice.

Essa imagem do **velho jovem**, terceira idade, ganhou o entusiasmo dos idosos e se põe, com freqüência, como retrato de cada um, exibido com satisfação. Principalmente pelas mulheres, as grandes reprimidas até há pouco tempo. Na pesquisa que realizei, os idosos de classe média têm "terceira idade" muito presente em suas falas. O que corresponde aos valores do segmento social a que pertencem e a sua atual ideologia libertária. Instados a comparar terceira idade e velhice, expressam opiniões hesitantes como "é um sinônimo delicado" (Sra. L., 77), terminando, em boa parte, por concluir, ora que não há diferença entre elas, ora a se identificar com essa imagem de dinamismo jovem que constrói a terceira idade como etapa anterior à velhice - portanto, pelo menos momentaneamente, negadora dela.

Os das classes populares, espontaneamente, fazem pouca referência ao termo terceira idade. Quando provocados, entretanto, produzem um discurso semelhante aos de classe média, em que terceira idade significa etapa de maturidade ou de envelhecimento alegre e dinâmico, quando "o grupo que a gente se distrai esquece as coisas do passado, as coisas ruins; tem passelos, danças, cantos" (Sra. M., 61) ou "é a fase em que a pessoa está carregada de vontade". (Sra. M. G., 72)

Aliás, é um tipo de declaração positiva constante nas mulheres das várias classes sociais, como venho demonstrando em estudos anteriores.

Há, entretanto, quem perceba as facetas ideológicas, ou acolhidamente escapistas, da construção da categoria: "Acho que não querem usar o termo idosos e falam de terceira idade. As pessoas são muito preconceituosas". (Sra. M. J., 65) "Chamam assim pra não dizer velho, aquela velha. É mais decente dizer 'Aquele pessoa da terceira idade'. É mais carinhoso". (Sra. J., 65)

Mas as mulheres estão colocando, cada vez mais, o bem da idade: "O envelhecimento, agora, na década em que vivemos, está cem por cento. Acabou aquela história de ficar em casa sem fazer nada. Hoje somos participantes". (Sra. M., 61)

Poderia sintetizar a polivalência semântica, de construção sobretudo

¹¹ BRITTO DA MOTTA. Op. cit., 1996, p. 3.

¹² PEIXOTO, Clarice. De Volta às Aulas ou Como Ser Estudante aos 60 anos. X Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, Salvador, abril, 1996.

positiva, da categoria terceira idade, com os seguintes significados ou conseqüências, alguns também discutidos em trabalhos anteriores¹³:

- apagamento de características preconceituosas socialmente pensadas como da velhice, que não incomumente eram antecipadas para os 50, 60 anos;
- neste aspecto, também significa um apagamento relativo, ou atenuação, dos limites entre as idades;
- apagamento relativo, porque redivide o segmento: marca uma separação, nova, entre idosos / 'jovens' e velhos/velhos; portanto, institui novos limites;
- e uma nova categoria provável: a **quarta idade**;
- porque, na verdade, refere-se a uma velhice 'menos velha': aos 'velhos jovens' de 50 e 60 anos, os mais ativos e saudáveis;
- por isso, também, o sucesso obtido na atenuação dos preconceitos, pela demonstração de outra imagem da velhice, ativa, até de corpo cuidado, diferente da tradicional;
- nesse sentido, teria sido uma construção "necessária", como identificação e correspondência a demandas sociais que se acentuavam no final dos anos 60, na Europa, continuando a identificar situações e correspondendo a demandas, hoje. No Brasil, inclusive;
- nos seus modos atuais de realização, com a prescrição de dinamismo, maior sociabilidade e lazer, e afirmações de liberdade e novas realizações, corresponde basicamente às vivências de classes média e, principalmente, das mulheres.

Entretanto, designa um determinado momento, os "anos de plenitude"¹⁴ servidos por um novo e festejado mercado. Enumera, e **numera** as idades (terceira, quarta, quem sabe uma quinta ...) 'asépticamente', sem uma definição mais rica de subjetividade.

Em suma, o que a categoria terceira idade vem representando é positivo - daí a sua rápida aceitação e difusão no cotidiano e até entre pesquisadores -, mas por trás dessa nova e boa imagem de idoso dinâmico e saudável que ela vem também representando, estão colocados o eufemismo/escapismo negador da velhice e uma 'indústria' e produção de serviços, com um novo e envolvente mercado.

Negação da velhice que pode levar a que ela não seja percebida em sua realidade, tanto nas necessidades e carências, quanto na contribuição social possível das pessoas velhas, com sua experiência de vida, amadurecimento e conhecimento das relações humanas.

A ideologia da terceira idade enfatiza esses 'anos de plenitude' e a capacidade atual dos idosos para vivenciar o novo - e os próprios idosos 'jovens' estão expressando isso, autovalorizando-se sobretudo por essa faceta. Mas esta é apenas a face regeneradora de situação. A outra, já sedimentada, seria a contribuição possível da experiência, e da memória, que subitamente parecem fora de demanda.

¹³ Principalmente BRITTO DA MOTTA, Alda. Gênero, Envelhecimento e Universidade para a Terceira Idade, V Encontro da REDOR (Rede Regional Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero), Belém, setembro, 1996a.

¹⁴ LASLETT, Peter. The Emergence of the Third Age. *Ageing and Society*, 1987.

Ainda há pouco tempo, em trabalho sobre universidades para a terceira idade¹⁵, comentava, com desapontada ênfase: "Parece que a continuidade normal do que se era antes deixa de valer e tem-se que procurar outros caminhos, outros recursos institucionais, (...) onde se traçará 'um novo projeto de vida'... (Expressão tornada cotidiana naquelas instituições, e disciplina constante em seus programas de cursos)".

De qualquer forma, a quase universal aceitação ainda não produziu a inscrição da categoria terceira idade no dicionário. Mas uma outra designação, **idoso**, está lá, em sua simplicidade e unicidade de sentido: "Idoso - Adj. - que tem bastante idade, velho".

Mais descomprometido com a ideologia e o preconceito, o termo pode ter sentido singelo como o de muita idade, sim, mas pode ter também o de pleno de idade - positividade possível. Uma expressividade existencial dessa natureza, trazendo, também, o sentido de continuidade, parece ser o que sugerem, alternativamente, pessoas de mais idade. Como o Sr. A., 67): "Eu não me considero velho. A palavra velho não existe, existe a palavra idoso, idade avançada. Ser idoso é a continuação da idade".

Em relatório, uma jovem estudante registra a recusa do termo 'velho', e a 'solução': "... O 'ser velho' leva a pensar naquele que não sabe envelhecer, não se atualiza e não gosta de viver e curtir a vida. A palavra **idoso** é mais aceita"¹⁶.

Nos primeiros trabalhos que escrevi sobre a velhice, e na apresentação em reuniões utilizei, firmemente, a palavra 'velho' como definição e como afirmação desideologizante¹⁷. Em congresso, na época, registrei, após o encerramento da discussão do meu trabalho, a pergunta, um pouco contrafeita, da presidente da mesa: "Você refere tanto 'velho'! Por que não usa 'terceira idade'...?".

Tenho referido 'terceira idade' como estudo de construção da categoria, em vários trabalhos, porém nunca como categoria afirmativa ou de meu uso geral. Pelas facetas negativas que acabei de apontar. ●

Gradativamente, fui utilizando também o neutro mais expressivo 'idoso' e tenho me detido, talvez, mais nele, completando, por enquanto, um movimento que tem também uma ressonância mais geral, como acabei de apontar em relação à percepção da estudante e à conclusão do Sr. A. É, aliás, o termo usado nos textos relativos às políticas públicas.

Sem ter descartado velho, reconhecendo a atualidade ambivalente de terceira idade e afirmando a expressividade/neutralidade mais atraente de idoso, não proponho soluções; só exponho uma trajetória conceitual, geral, que se desenhou como imprecisa e insatisfatória. A discussão vai continuar.

Tanto mais que há de reconhecer-se que só a família gramatical velho, velhice, envelhecer, envelhecimento etc., preenche todas as alternativas de cate-

¹⁵ BRITTO DA MOTTA, 1996a, op. cit...

¹⁶ MENEZES, Adalci. Relatório Anual de Pesquisa - Projeto Vivendo e Aprendendo: os idosos na escola. Coordenadora: Alda Britto da Motta. Salvador, julho, 1996, p. 8.

¹⁷ De certo modo, como expressão socialmente reabilitadora, à maneira como o feminismo da década de 80, por exemplo, denominou *Mulherio* a um jornalzinho alternativo, para afirmar positivamente - contra o sentido pejorativo que então envolvia o uso da palavra - coisas ou reunião de mulheres.

gorias tanto gramaticais como de vivência. Terceira idade não se conjuga, é cristalizado, imóvel e classificatório, enquanto Idoso desdobra-se em idade como sinônimo de velhice ou em expressões mais longas, do cotidiano, como "chegando pra idade". Portanto, velho é também de significado mais universal. Batizar, então, o Dossiê Velhice, é reafirmar essa tradição e essa universalidade expressivas e, procurando conferir-lhe um valor positivo, tentar exorcizar o preconceito. Mesmo porque, a questão não está tanto no significado original da palavra, mas no uso, preconceituoso ou não, que se faz dela.

Passando à segunda questão: que buscam e que encontram nos grupos de convivência e nos programas culturais e de lazer, os de mais idade?

Em primeiro lugar, é importante refletir sobre o fato de que grupos de convivência e programas para Idosos expressam ou instituem, comumente, uma sociabilidade dirigida e substitutiva da verdadeira(?), espontânea. Pelo menos no começo. As pessoas não se reúnem com aqueles que escolheram, por algum tipo de afinidade, mas com os que lhes são apresentados a conviver. É o modelo típico dos grupos de iniciativa pública governamental e dos assistenciais, inclusive ligados à área empresarial. Uma possível contraposição a esse modelo seriam os grupos autoorganizados, mas estes nem são tão espontâneos assim; são frequentemente reunidos por - ou em torno de - uma figura forte de líder ou presidente, quase sempre uma mulher, que com férrea doçura dita as atividades e o modo de realizá-las aos "meninos", ou "meus velhos"¹⁸.

Entretanto, o fato de que esses grupos ou programas sejam bem aceitos, ou diretamente procurados pelos idosos, demonstra a existência de uma carência, ou até de uma busca, por parte de um segmento etário/existencial que perdeu seu lugar social¹⁹ e ensaia construir algum outro, com uma realização adicional ao seu itinerário de vida, ou a efetivação de um pequeno projeto ainda sem chance de se realizar, ou, ainda, e simplesmente, procurando companhia e "preencher o tempo"²⁰, esse largo tempo ampliado pela aposentadoria ou pela solidão das donas-de-casa.

Procurei ver isto de perto, com observação e entrevistas com dois grupos de idosos. Um organizado para atividades de ensino, mas também de lazer, em uma Faculdade para a Terceira Idade situada no centro tradicional de Salvador, com frequentadores com perfil de classe média, e um grupo de convivência auto-organizado, constituído por pessoas das classes populares, reunindo-se em bairro periférico da mesma cidade.

Em ambos, o habitual predomínio de mulheres. Essa dominância das mulheres, que frequentemente "dão o tom" da vida desses grupos, tem razões, muito além das demográficas, sobretudo culturais e de momento histórico na trajetória social dos gêneros - como venho acentuando em vários trabalhos. Muito menos resignadas à velhice - como definida segundo o modelo tradicional, referenciada a inatividade e descarte social, essas mulheres estão vivendo um tempo de maior liberação, que as anima a pensar, afinal, um pouco em si, como por toda parte estão

¹⁸ BRITO DA MOTTA. Op. cit., 1996, p. 8.

¹⁹ Ibidem, p. 43.

²⁰ Ib., p. 11.

proclamando, em um padrão de comportamento geracional, e de gênero, que antes não encontrava justificativa social para se exercer, tratando-se de pessoas que "deveriam viver para a família".

No grupo, hoje associação, Unidos Venceremos, que se reúne no bairro de Castelo Branco, duas vezes por semana, para atividades de lazer e artesanato, 18 mulheres e três homens foram ouvidos. Suas idades variam entre 51 e 90 anos e o nível de escolaridade predominante é primeiro grau incompleto, com três casos (duas mulheres e um homem) de segundo grau completo.

Os participantes da Faculdade da Terceira Idade são bem mais numerosos e deles 30 mulheres e seis homens foram entrevistados. Suas idades vão de 45 (um caso) a 83 (idem) e seu nível de escolaridade é alto, com predominância de segundo grau (20 pessoas), porém com 11 casos de curso superior completo.

Nos dois grupos, os homens são ou foram todos aposentados. Exceção de dois na Faculdade (de 45 e 63 anos), que voltaram ao mercado de trabalho, mas em atividades novas. Todos são casados, com exceção de um viúvo em cada grupo.

As mulheres idosas são, como o próprio cotidiano demonstra, em grande número viúvas. Mas nestes grupos estudados há a mesma quantidade de viúvas e casadas. Há também três solteiras e uma separada na Faculdade, e uma separada e uma amasiada no Unidos.

Sua participação no mercado de trabalho corresponde à de mulheres de uma geração que teve poucas oportunidades de emprego formal - principalmente as mais pobres. Na Unidos Venceremos, uma continua trabalhando (63 anos), oito estão aposentadas e nove (portanto, a metade) nunca participaram diretamente da força de trabalho. Na Faculdade, quatro permanecem trabalhando (idades entre 53 e 63 anos), dezessete se aposentaram e nove sempre foram donas-de-casa. Este é, certamente, um grupo menos típico de mulheres dessa geração - tanto pelo nível de instrução como pela participação mais intensa no mercado de trabalho.

O grupo Unidos Venceremos existe há 16 anos e transformou-se em associação em 1993. Sua presidente/fundadora, D. Elza, uma bonita senhora negra de 78 anos, conta que resolveu organizá-lo porque havia se aposentado e precisava fazer alguma coisa com a sua própria vida... "A associação agora é a minha família".

As pessoas entrevistadas têm variados tempos de pertinência no grupo - de menos de um a seis anos - e praticamente todos chegaram a convite ou por sugestão de alguém: de amiga que já fazia parte dele, de filhas, da presidente do Conselho de Moradores do bairro (e que já deixou o grupo), mas, principalmente, a convite ou por insistência de D. Elza. Narram como se tivessem atendido a um comando forte, naquele momento inicial, mas registram também um despertar, depois, para a validade existencial de estar na associação.

"Primeiro foi minha amizade com a presidente. Ela me convenceu a entrar..." (Sra. E. B., 80 anos) "Porque gosto muito da presidente." (Sra. V. S., 58) A Sra. J., 65, detalha mais: "... Com 63 anos, já estava no tempo (de pensar mais em si). Conhecia D. Elza, que sempre me convidava. O marido (agora falecido) também deu força, dizia que eu precisava me divertir mais". A Sra. M. J., 65, fillou-se "para sair de casa, para passear", por influência de uma grande amiga. "Depois, quando ela morreu... eu não senti tanto por causa deste grupo". A Sra. F., 66 anos, há três no

grupo, revela: "Deixei de trabalhar e vivia em casa muito isolada". (Hoje) "os amigos são o pessoal do meu grupo: danço, faço brincadeiras, dou pladas. Eles são muito importantes para mim". Somente uma senhora (M. L., 63) teve um acesso diferente à informação sobre o grupo: viu uma fita de vídeo do pessoal em casa de uma amiga e se interessou.

Que esperavam do Unidos Venceremos?

Resume-se, das respostas: depois da 'sedução' - antes que procura - inicial, alguma expectativa de mais ampla sociabilidade, ou seja, diversão, distração, passeio, aprender alguma coisa (só um caso) ou, porque se aposentou, uma ocupação do tempo.

Apesar desse interesse por atividades e contatos, a solidão foi raramente posta. Quando referida, o foi surpreendentemente por pessoas que têm família ou até vivem com ela. Geralmente mulheres. A fala da Sra. V. S., 68 anos, é exemplar: "Sinto. Meus filhos normalmente saem, vai cada um para um lado, e eu fico sozinha. (Quando o marido estava vivo) não adiantava de nada. Ele ficava em casa, mas eu me sentia só do mesmo jeito".

Dos três homens, dois fazem parte da diretoria da associação. O terceiro, o mais velho (68 anos), declara que "só aprecia" as atividades. Quando é para arrumar coisas, não pode. "Não posso fazer força."

As mulheres participam da reunião e fazem algum artesanato - faziam mais, na época em que começou a observação no grupo: tapeçaria, flores, sacolas, crochê. Um dos poucos encargos femininos no grupo é o de "diretora para organizar a merenda". Há, sempre, passelos e festas, geralmente comemorativas. "A gente dança, a gente canta, samba (...) Aprendi a fazer tapete, aqui". (Sra. E., 78)

A totalidade do Unidos Venceremos avalia positivamente a experiência de grupo, não apenas, parece, porque não tinham, mesmo, grandes expectativas quanto ao que iriam encontrar nele, mas porque se descobriram fazendo amizades, coisas novas, ficando mais alegres e até melhorando a saúde! Alguns depoimentos típicos:

"... Aqui tenho visto coisas que eu nunca vi na vida. Antes, não podia sair de casa e agora participo de encontros e até já participei de uma peça de teatro. Agora tenho mais diversão. Vou à missa com as colegas, todas bem arrumadas e com muita disposição. Antes, meu marido não me deixava sair." (Sra. A. L., 65)

"Tenho mais alegria para viver, satisfação de conversar com as colegas, conhecer pessoas..." (Sra. E. S., 68)

(Aqui) "melhora. A pessoa se aposenta, tem uma vida agitada, não pode parar, não!" (Sra. F., 65)

"Tenho que vir para as reuniões e deixar tudo pronto em casa. Até que eu gosto. Melhorei do reumatismo, por que omecei a andar mais e me desenvolvi bastante." (Sra. M. J., 62)

"Vivo mais alegre e mais feliz. Tenho elas pra me distrair. Às vezes, chego aqui com um problema, converso e... volto leve, leve." (Sra. F. F., 63)

"Tenho a satisfação de conversar. O tempo enche mais." (Sr. O., 68)

Em conclusão: o que procuravam, muitos nem sabiam. O que encontraram: uma sociabilidade geracional, em parte também de gênero, que vem trazendo

mais companheirismo, um uso mais lúdico do tempo, alegria, saúde também, como consequência... São ganhos, enquanto não se desenha um novo lugar social. Ou isto já não é parte do desenho...?!

A Faculdade da Terceira Idade é iniciativa do Centro Estudos de Pós-Graduação Olga Mettig e vinculada à sua Faculdade de Turismo. Anuncia-se como "Projeto de Extensão Universitária e Atualização Cultural 'Anos de Plenitude'", com a proposta de estimular a "crescer como pessoa" e "trabalhar com turismo".

Pelo projeto original, de cinco anos atrás, o curso funcionaria em dois semestres, mas ao final do primeiro ano, conta em entrevista a coordenadora, os alunos pleitearam estender o curso por mais um ano. Isso, tem-se repetido, sucessivamente, a cada ano...

O modo de aproximação dos candidatos à Faculdade suscita reflexões interessantes sobre projeto de vida de homem e projeto de mulher, na atualidade, porque os homens ingressaram, quase todos por influência de amigos ou parentes - principalmente das esposas, que sempre chegaram primeiro -, enquanto as mulheres souberam da existência da F.T.I. dessa mesma maneira, mas também, em boa parte, através dos meios de comunicação, principalmente jornais, denotando uma certa condição alerta em relação a buscas existenciais, como da Sra. V., 52: "Soube através de anúncio de jornal. Era o que eu queria!"

Os entrevistados expressaram, em relação à Faculdade, uma tripla intenção: atualizar ou ampliar conhecimentos, fazer novas amizades e preencher espaços vazios do seu tempo. Há, também, da parte de alguns, o cuidado de "não ficar à margem da vida", porque "as coisas agora estão mudando com muita rapidez e se você fica em casa, se isola do mundo". (Sra. M. L., 75)

Todos deram depoimentos entusiásticos sobre a Faculdade - as aulas, os professores e a relação com estes - e enfatizaram o significado do encontro geracional com os colegas e como tudo isso contribui para lhes animar e melhorar a vida. Os depoimentos são abundantes. Alguns exemplos representativos:

"... A gente se sente à vontade, porque pressente que todos aqui estão carentes de viver melhor. (...) A Faculdade desperta potenciais e coisas que você nem pensava que era capaz, ou nunca teve espaço para mostrar. Nós estamos avançando dentro da sociedade, mesmo encontrando barreiras impostas pela própria sociedade, como 'já está velho para determinadas coisas'". (Sr. O., 62)

"Foi um meio de sair de casa e encontrar amigos. Encontrei uma professora do meu tempo de ginásio. Aqui é um ponto de encontro e de fazer amizades". (Sra. M., 65)

"Ampliei meus conhecimentos, me integrei mais, conheci outras amigas. E o preconceito quando a pessoa chega aos 50 anos, o velho! A Faculdade veio me mostrar que a velhice é o espírito, você tem a idade que quer". (Sra. J., 63)

"Bem, pelo fato de eu já estar no terceiro ano, você já vê que é importante na minha vida. Preencheu o que eu estava procurando". (Sra. M. L., 74)

"Construí mais amizades e algumas aulas me disseram alguma coisa". (Sra. M., 61)

O que procuravam, certamente por uma questão de possibilidade cultural, os participantes do F.T.I., em grande parte, sabiam. E ainda assim, tiveram

surpresas positivas. Como os da Unidos, encantam-se com os ganhos em lazer e sociabilidade, resultados sempre alcançados pelos atuais grupos organizados de idosos - mesmo quando esse não é o objetivo fundamental, como nos programas culturais e 'universidades' para terceira idade.

O resultado, em alegria e companheirismo é estimulante para os que vivem o processo, e de interesse para os que o analisam. Mas a sociabilidade geracional é um ganho, evidentemente, parcial, intermediário - inclusive pelo aspecto guetificante que não deixa de apresentar.

Resta a alcançar a meta fundamental do também necessário convívio - e da solidariedade - entre as gerações. Às vezes anunciado nesses programas, mas raramente ou nunca efetivado. E ele deve ser parte relevante do projeto de futuro - um projeto também educativo - de uma sociedade onde todos os seus segmentos possam alcançar ou recuperar um lugar social. E para os velhos pode ir ficando até menos difícil, não apenas pela atual demonstração de dinamismo e capacidade de luta que vêm dando (modelarmente publicizados pelo movimento de aposentados), com a conseqüente melhora de imagem social, mas também porque o movimento da sociedade da globalização e do desemprego estrutural se faz cada vez mais no sentido de aproximar - e assemelhar - segmentos sociais cada vez maiores daquele modelo de 'inatividade' e centralidade no lazer que restou para os idosos, que vivem há bem mais tempo como espécie de *part-society* que não se define pelo trabalho. Desse jeito, ainda seremos (quase) todos **iguais** - mesmo que nivelados por baixo.